

ROTEIRO

A PALESTINA BRASILEIRA

VINHETAS

Ancine, CenaUm e Canal Curta!

Sequência 1

Acampamento beduíno

Exterior - Dia

Nas montanhas do caminho para a Jericó, na Palestina, surge, ao longe, um acampamento beduíno formado por três barracas. Nas colinas próximas, um jovem beduíno conduz o rebanho de ovelhas, que pastam qualquer coisa entre a areia e as pedras. Alguns cães latem orientando o procedimento dos animais. Na rodovia, que serpenteia entre os montes, um automóvel quebra a quietude do deserto. Surge, então, uma barreira de concreto israelense que divide a cidade de Belém. Imponente e ameaçadora, a muralha mostra dezenas de inscrições e pichações em diferentes idiomas, que pedem a paz e registram a ocupação e as guerras na Palestina.

CRÉDITOS

Página de dicionário bilíngüe editado para receber refugiados palestinos da ONU no Rio Grande do Sul. Palavras em Português e em Árabe ganham destaque. Surgem na tela imagens que documentam a história da Palestina.

LETT

CenaUm apresenta

A Palestina Brasileira

Produzido por Caco Schmitt

Escrito e dirigido por Omar L. de Barros
Filho

LETT

Estas são as histórias de famílias palestinas que buscaram abrigo no Sul do Brasil. O ponto de ruptura em suas vidas foi a fundação de Israel nas terras da Palestina em 1948.

Não existem estatísticas confiáveis sobre a população palestina e descendentes no Brasil. Organizações árabes calculam que a comunidade abrange de 30 mil a 50 mil pessoas.

A maioria vive no Rio Grande do Sul, nas fronteiras com a Argentina e o Uruguai.

Sequência 2

ARQUIVO

Imagens históricas da Palestina.

LOCUÇÃO 1

Entre 1922 e 1947, a Palestina permanece sob o controle inglês, depois de séculos de domínio otomano.

GC

Palestina, décadas de 1930/1940

ARTE MAPA 1

LOCUÇÃO 2

São décadas marcadas por tensões entre a maioria árabe, a minoria judaica e o mandato britânico.

LOCUÇÃO 3

Líderes sionistas incentivam a compra de terras e o

povoamento por judeus.
Palestinos exigem governo
próprio.

LOCUÇÃO 4

Em 1947, a ONU aprova o Plano
de Partilha da Palestina,
solução que permite a criação
do Estado judeu.

ARTE MAPA 2

LOCUÇÃO 5

A partilha destina
apenas 43% do
território aos
árabes.

LOCUÇÃO 6

Israel nasce em 1948. Seis
países árabes contrários ao
novo Estado invadem o
território. Israel impõe a
violência contra cidades e
aldeias palestinas.

LOCUÇÃO 7

600 mil palestinos são
obrigados a deixar suas
terras e propriedades.

ARTE MAPA 3

LOCUÇÃO 8

Para Israel a posse do
território da região é um
direito histórico. As guerras
com os países árabes e a
resistência palestina contra
a ocupação justificam as
ações militares israelenses
diante do mundo.

LOCUÇÃO 9

Hoje cinco milhões de
palestinos vivem em apenas 12
por cento do território
original. Outros seis milhões
estão espalhados pelo mundo.
Sem o direito de retornar.

Sequência 3

Na fronteira do Brasil com a Argentina

Exterior - Dia

Um automóvel avança pela pista da ponte sobre o rio Uruguai, que separa a Argentina e o Brasil. Percebe-se a bandeira argentina à distância. A cidade de Uruguaiana aparece ao longe.

LETT

Uruguaiana
Fronteira do Brasil com Argentina
A 677km de Buenos Aires

Cena 1

Um comerciante trinacional

Interior - Dia

O carro segue na direção da cidade. O veículo é dirigido pelo comerciante Mohamed Dahla, que fala enquanto dirige.

Voice off - Mohamed Dahla

Primeiro a pátria a mãe, a Palestina, realmente, mas eu considero o Rio Grande do Sul minha segunda pátria. Eu me sinto bem aqui, principalmente na cidade de Uruguaiana. Adquirimos um patrimônio, construímos a casa.

GC

Mohamed Dahla
Comerciante

Cena 2

Raízes de Mohamed Dahla

Exterior/Int - Dia

Dahla abre as portas da loja e entra. Atrás do balcão da Comercial Buenos Aires, ele

surge ao lado da caixa registradora, cercado por um grupo de vendedoras que atendem a clientela. Dahla fala sobre suas origens e sobre sua vida em Uruguaiana.

Voice off - Mohamed Dahla

E a gente é parte do povo do Rio Grande do Sul. Nossos filhos são nascidos aqui, meus irmãos são todos nascidos aqui, no Brasil. Só eu que sou nascido lá na Palestina. Eu comecei ajudar meu pai, e continuei gostando do comércio. Eu tenho uma família, dei estudos para os meus filhos. Deus me deu o que eu mereço e mais ainda, não posso me queixar, graças a Deus.

No celular ele responde a uma chamada:

- Comercial Buenos Aires, bom dia. Tem de tudo, temos algumas coisas que estão na promoção, o senhor pode vir olhar.

Cena 3

Interior - Dia

Dahla vive em espaçosa residência sobre a Comercial Buenos Aires. Ele entra na sala de estar e vai até a estante onde estão as fotos de sua infância, da mulher, dos filhos, Yasmin e Mustafa, e da grande mesquita de Jerusalém. Suas recordações mais queridas estão guardadas na prateleira. Mostra as imagens.

DEP - MOHAMED DAHLA

Essa foto aqui, realmente, é a melhor lembrança. Acho que eu tinha sete anos nessa época. Não sei se tu podes perceber que esse cara sou eu. Como Roberto Carlos diz: esse cara sou eu, olha só.

Olha, eu lembro dessa época coisas boas realmente, só brincava, não tinha compromisso nenhum, era só jogar bola. Tu tens que ensinar teus filhos na adolescência porque é nessa idade que você forma uma geração. Eles têm que estudar a língua deles, saber que eles são brasileiros, tudo bem, mas eles têm que saber que são de origem palestina. Então, eu fiz o que meu pai fez com meus irmãos, eu fiz com meus filhos.

Aqui meu pai, aqui eu, aqui meu filho Mustafa e meu neto Mohamad também, Mohamad neto.

Sequência 4

Na Palestina com Mustafa, filho de Dahla

Exterior - Dia

Faculdade de Direito em Ramalhah. Mustafa, filho de Mohamed Dahla, segue na direção da faculdade, caminha entre muitos outros jovens. Ele carrega livros nas mãos. Destaca-se do grupo ao percorrer o prédio da Faculdade de Direito.

GC

Mustafa Dahla
Empreendedor e estudante de Direito
Filho de Mohamed Dahla, de Uruguaiana

Voice off - Mustafa Dahla

Primeira visita à Palestina foi em 1984, com o pai. Ficamos aqui com os avós. Comecei a estudar. Gostei, dei uma continuação no assunto. Claro que, na época, com 14 anos, é difícil se acostumar, mas eu fui me acostumando com a ajuda dos parentes, avós, primos, primas. Fui aprendendo a língua árabe, que não é fácil, mas é a nossa língua, a língua tradicional. O que me ajudou foi eu ser um bom jogador de futebol, na época. Então, eu era o mimoso da escola, o pessoal dizia: "O brasileiro chegou, o brasileiro chegou!" Estou até hoje com os meus filhos aqui e, graças a Deus, trabalhando, estudando e, se Deus quiser, vou me formar agora, no ano que vem, em Direito.

Cena 4

Na sala de aula

Interior - Dia

Mustafa entra na sala de aula e interage com colegas.

Voice off - Professor de Direito

Quando não há advogado, o ato jurídico será adiado até que um advogado seja nomeado em 24 horas.

Sequência 5

Em Beytunia

Exterior - Dia

Um automóvel estaciona na garagem de uma residência. Mustafa, a esposa e os filhos desembarcam e entram em casa.

Cena 5

No lar de Mustafa

Interior - Dia

Mustafa almoça com os filhos e a esposa.

DEP - MUSTAFA DAHLA

Quando você manda seu filho para sua terra natal é porque você está indo também. Então, o sentimento dele se realiza na hora de ele ter mandado o filho viver na terra natal dele. Só que eu resolvi também morar um pouquinho mais com a minha família aqui, porque a maioria do meu tempo eu tive os meus pais longe de mim, e eu não quero que meus filhos também tenham esse sentimento.

Cena 6

Reflexões de Mustafa

Interior - Dia

Sentado em uma poltrona, Mustafa reflete sobre sua condição de palestino brasileiro.

DEP - MUSTAFA DAHLA

Presenciei a Intifada, a primeira Intifada de 1987. Presenciei a segunda Intifada de 2000. Esse é o preço que a gente paga para reconquistar essa terra. Eu acho que está no sangue do palestino essa teimosia de morar por aqui, porque ele sabe que ele é o dono da causa, ele é o dono da terra. A terra, a tua pátria é maior que teus filhos. Quantos homens, quantas mulheres morreram por grandes causas. E eu acho que vale a pena você morrer por causa da Palestina.

Sequência 6

Em Kalandia

Exterior - Dia

Imagens do posto de controle de Israel em Ramallah revelam o domínio sobre a livre movimentação da população palestina na região.

LETT

Kalandia
Checkpoint israelense
Subúrbio de Ramallah

Cena 7

Nas ruas

Interior - Dia

Mustafa dirige seu automóvel pelas ruas de Beytunia. Surgem imagens do cotidiano da cidade, as casas de comércio, o tráfego pesado. Ele fala:

DEP - MUSTAFA DAHLA

Os judeus alegam que os seus antecedentes, os bisavós deles, moraram aqui, na Cisjordânia. E que esta terra aqui, ó, ela pode ser habitada pelos palestinos, mas sem controle dos palestinos.

Sequência 7

O horizonte sob controle

Exterior - Dia

No alto de uma colina, Mustafa descreve a situação angustiante vivida pelo povo palestino. Aponta para um presídio mantido pelos israelenses nos arredores e fala sobre o problema da apropriação da cultura das oliveiras pelos colonos invasores.

DEP - MUSTAFA DAHLA

Ali onde está Gvaizeer, ela fazia parte de Beytunia, e depois foi tomada e declarada que é território israelense. Esse é um dos maiores presídios, presídio Aofar. Hoje, estão presos ali mais de 1.200 palestinos. Do outro lado,

existem centenas de pés de oliveiras, que Israel as tomou e proibiu palestinos de irem catar suas azeitonas.

Sequência 8

Aos perdedores...as azeitonas!

Exterior - Dia

Nas plantações de oliveiras, famílias palestinas trabalham na colheita. No chão ou em escadas homens colhem azeitonas. Mulheres e crianças também trabalham na seleção dos frutos.

Sequência 9

Um palestino-brasileiro na colheita de azeitonas

Exterior - Dia

O jovem Talha Zeidan, que vive no Rio Grande do Sul e na Palestina, aparece sob a sombra de oliveiras, cultura que integra a tradição agrícola dos palestinos. Entre as árvores, Talha Nasser discorre sobre a importância do cultivo para a vida e para a economia da Palestina. Em segundo plano, um homem trabalha na colheita.

DEP - TALHA ZEIDAN

É verdade, assim eles tomaram, porque parte da nossa terra a gente não tem mais acesso, porque eles já constroem muros ou fazem uma cerca elétrica, e quem chega perto já pode levar um tiro, pode ser preso também.

GC

Talha Zeidan

Comerciante

Vive em Kafr Ni'ma e Santana do Livramento

Sequência 10

A vida entre azeitonas

Exterior - Dia

Nas plantações de oliveiras, famílias palestinas trabalham na colheita das

azeitonas. No chão ou em escadas
homens colhem azeitonas. Mulheres e
crianças também trabalham na seleção
das azeitonas. O homem interrompe a
colheita para falar sobre sua
atividade e seus problemas.

DEP - ZUHER KARAJAH

Tenho 70 anos, há 55 anos colho azeitonas. Nós comemos,
vendemos e desfrutamos delas. Vivemos a vida inteira em
torno das oliveiras, da terra, das amêndoas e dos damascos.
Se arrancarem as oliveiras, não teremos como viver,
dependemos delas e comemos delas. De onde vamos comer? De
onde vamos beber?

GC

Zuher Karajah
Coletor de azeitonas

Cena 8

Café para três

Interior - Dia

Mohamed Dahla encontra com dois
amigos em uma cafeteria da praça
central de Uruguaiana para falar de
sua recente viagem à Palestina. Os
três conversam sobre os parentes, os
casamentos, a situação política.

LETT

Uruguaiana
A 677km de Buenos Aires

GC

Rayyan Rayyan
Advogado
Sobrinho de Mohamed Dahla

RAYYAN RAYYAN

Tio Mohamed, o senhor esteve na Palestina há uns dias,
conta mais sobre o casamento, tio, tu viste algum parente
meu, Mohamed, meus tios por lá?

MOHAMED DAHLA

Eles vão vir assistir teu casamento, que é dia 7 de
janeiro, todos eles: o teu tio Fakri, o teu primo Rebiqú,
o Ismail também, o Mohamed, que mora em Chicago também,
diz que ele vai vir também.

Sequência 11

Cenas de um casamento à palestina

Exterior - Noite

Foguetes estouram no céu de Uruguaiiana anunciando o casamento do jovem Rayyan Rayyan, sobrinho de Dahla. Na rua, em frente à praça central e diante do edifício Palestina, forma-se um cortejo masculino, que joga o noivo para o alto. Todos dançam ao som de tambores até entrar no salão do clube onde os convidados esperam o casamento.

Sequência 12

Enfim, a noiva!

Exterior/Interior - Noite

Chega a noiva. Foguetes no céu. A mulher aparece acompanhada pelo pai e padrinhos. Ela ingressa no clube, sobe as escadas e é recebida no salão pelos convidados. O novo casal dança ao som de música árabe. Dentre os convidados aparecem alguns personagens: Dahla, Maruf, Saleh, Badra e o prefeito de Beytunia.

LETT

Casamento de Rayyan Rayyan e Rielle Krajah

Sequência 13

O patriarca de Uruguaiiana

Exterior - Dia

O velho Maruf sai de sua loja, a Mona Lisa, situada na zona do comércio popular em Uruguaiiana. Apesar de sua idade avançada. Anda com desenvoltura pelas ruas do centro de Uruguaiiana. Apoiando-se na bengala, dirige-se apressadamente à mesquita.

Voice off - Maruf Salman

Nasci e me criei naquela terra, e vim de lá para cá com 19, quase 20 anos. Nisso, com o correr do tempo, comportamento, logicamente, boas condutas, acabei adquirindo para ser cidadão brasileiro, e acabei recebendo certificado e naturalização. E fiquei palestino brasileiro.

LETT

Maruf Salman
Comerciante e um dos líderes da
comunidade em Uruguaiana
Chegou ao Brasil em 1956

Cena 9**Na mesquita, por Alá****Interior - Dia**

O guia religioso reza musicalmente,
acompanhado pelos devotos.

Sequência 14**A escalada de Maruf****Interior - Dia**

O velho Maruf sobe a escadaria que
leva à sala das rezas. Tira os
sapatos e entra.

Cena 10**Maruf, Dahla & Cia. Ltda.****Interior - Dia**

Maruf encaminha-se ao seu lugar para
acompanhar o ritual. Os fiéis
ajoelham-se de acordo com a
orientação do guia. O comerciante
Mohamed Dahla aparece ao lado de
Maruf durante a oração.

Cena 11**Memórias de Maruf****Interior - Dia**

Sentado em sua poltrona no interior da loja Mona Lisa, Maruf assiste a um programa de TV transmitido pela Al Jazeera. Bebe o chimarrão tradicional, com a água quente de uma garrafa térmica que acomoda ao lado, em um banquinho. Nas paredes, fotos de Arafat, dos parentes e uma maltratada bandeira da Palestina impressa em plástico barato. Enquanto Maruf dá seu depoimento, entram as imagens do arquivo que se referem à violência da ocupação.

DEP - MARUF SALMAN

Nasci e me criei naquela terra, e vim de lá para cá com 19, quase 20 anos. Nisso, com o correr do tempo, comportamento, logicamente, boas condutas, acabei adquirindo para ser cidadão brasileiro, e acabei recebendo certificado e naturalização, e fiquei palestino brasileiro. Povo brasileiro muito amoroso, muito hospitaleiro e muito semelhante ao povo árabe, povo brasileiro, por isso, a gente se gostou, se acostumou e se ficou. Temos parentes em aldeia próxima Nablus, chama-se cidade Qbalan...

Sequência 15

Qbalan

Exterior - Dia

No bucólico povoado de Qbalan vive Mohammed Adel Salman, sobrinho do velho Maruf. Dono de um bazar chamado Brazil Center, o jovem comerciante vende narguilés, quinquilharias plásticas, ferramentas. Diante da loja, Mohammed, ele próprio um palestino brasileiro, fala em português carregado de sotaque sobre sua relação com o Brasil e com o tio distante.

LETT

Qbalan
A 60k de Ramallah
Terra de Maruf Salman

DEP - MOHAMMED SALMAN

Meu nome é Mohammed Adel Salman. Sobrinho do Maruf Salman, de Uruguaiana.

Cena 12

O velho Maruf volta

Interior - Dia

DEP - MARUF SALMAN

Que a luta primeira aqui é o idioma, que não sabemos falar nada em Português. Isso, como diz: a dor ensina a gemer. Então, a pessoa quer ou não quer, tem que aprender forçado. A verdade é que a gente já está acostumado, já está habituado, não deu ainda para tirar o sotaque.

Cena 13

Com a diplomacia brasileira

Interior - Noite

Imagens do encontro de brasileiros na sede do Escritório do Itamaraty em Ramallah. Reunido em uma sala, o grupo debate a situação da Palestina. Dentre os participantes está o filho do velho Maruf. Ele relembra o pai, que não quer deixar Uruguaiana. O depoimento de Roberto é entrecortado por cenas de Maruf, cada vez que o filho dirige suas lembranças ao pai.

LETT

Escritório do Itamaraty em Ramallah
Conselho de Cidadãos Brasileiros

DEP - LEANDRO SILVA

É a única comunidade brasileira que vive sob o estado, sob a ocupação militar, daí as consequências do cidadão ser julgado por tribunais militares. Esta é a característica única da comunidade brasileira na Palestina, não há no mundo atual outros brasileiros vivendo sob ocupação militar.

GC

Leandro Vieira Silva
Vice-Conselheiro

DEP - ROBERTO SALMAN

A minha mensagem é para meu pai, que eu gostaria tanto que ele esteja aqui na Palestina, porque é o sonho dele voltar para cá, porque ele já está com 80 anos. E como agora os

filhos deles já estão grandes, eu falo para ele que chega, que ele tem que voltar para a Palestina. Nós podemos continuar luta dele, o trabalho dele, no lugar dele lá no Brasil. O meu sonho também é que a Palestina possa viver em paz, como o Brasil está vivendo em paz.

GC

Roberto Maruf Salman
filho de Maruf Salman, de Uruguaiana

Cena 14

O caráter do povo árabe

Interior - Dia

Outra vez Maruf está em sua loja em Uruguaiana. Enquanto fala, aparecem imagens da repressão contra os palestinos.

DEP - MARUF SALMAN

Povo árabe pacífico, ele não é agressivo, não é agressivo, pelo contrário: é transparente, é paz. Ele procura, para sobreviver, família, filhos, gurizada precisa estudar, e todo mundo está lutando para sobreviver, afinal. E assim que, infelizmente, não está deixando, não está deixando clima para isso. Essa juventude que está revoltando agora, está revoltando quando vê meninas, mulheres está indo pra Jerusalém, para Al Aqsa, para rezar e os soldados começam a empurrar elas, derrubar elas, tira lenço da cabeça. Tu sabes que essa raça, raça árabe, islâmica, principalmente, é a que mais conserva o moral da família.

Cena 15

Estrada BR 116

Exterior - Dia

Surge a rodovia que corta Canoas sob tráfego pesado. Numa praça ao lado da estrada, o monumento ao avião Gloster Meteor no pedestal ganha a tela como se estivesse em voo.

LETT

Canoas
A 17km de Porto Alegre

Cidade de forte presença palestina

Sequência 16

No cemitério palestino de Canoas

Exterior - dia

O patriarca Saleh Ahmad Mohamed Bujaa caminha por uma rua deserta de Canoas. Anda lentamente. Leva chaves na mão. Dirige-se a um portão. Abre e entra. Aproxima-se das sepulturas que formam o pequeno cemitério palestino. Reza.

Voice off - Saleh Bujaa

A criação do cemitério islâmico não foi assim de uma hora para outra. Passou quase dez anos, eu pensando nesse projeto, porque eu vi tantos irmãos na área de Grande Porto Alegre até Caxias, tem alguém que morreu, foi enterrado lá. E ninguém pode lembrar deles. Então, pensei que podemos ter um lugar especial para os nossos falecidos irmãos.

GC

Saleh Bujaa
Comerciante e pioneiro da imigração palestina
Deixou Saffa em 1953

Sequência 17

Na casa da família Saleh

Exterior - Dia

O patriarca Saleh abre a porta de sua casa e entra.

Voice off - Saleh Bujaa

Eu tinha um amigo, ele tinha minha idade, sempre nós estávamos brincando: Quem é que vai inaugurar este cemitério? Eu ou você? Passou alguns dias, ou seja, um mês, acho que dois meses... Eu estava indo para minha casa na praia e vem o telefone: fulano faleceu, pessoa que eu gosto dele. Realmente, ele foi o primeiro enterrado naquele cemitério.

Sequência 18

Em casa com Saleh

Interior - Dia

Na sala da casa, o velho Saleh liga a TV, que mostra um programa em árabe. Observa e sai. Sentado em uma poltrona ele mostra fotografias e narra suas memórias. Depois, levanta e vai até um mapa da Palestina em uma parede da sala. A cena é recortada por imagens da colheita de trigo na Palestina e cenas históricas, que mostram combates com tropas israelenses.

DEP - SALEH BUJAA

Este aqui eu, também meu falecido irmão e meu amigo falecido também Zaqui Bakri. Dia a dia, a viagem levou 35 dias, mais ou menos. Só que sofremos lá, a gente não sabe nada, sempre o mar está tumultuado, nós quase metade da viagem sempre deitamos ali nos leitos da cabine. Chegamos em Santos, segundo dia... Aí que eu sempre falava de Rio Grande de Sul, dos gaúchos, não sei o que mais, aí eu decidi sair de lá. Fui a Santa Cruz do Sul e acertei. Aqui são funcionárias, eu... Esse meu primo faleceu em Brasília. Essa loja de confecção, olha aqui. Esse ano é 58.

DEP - SALEH BUJAA

Uma vez eu estava colhendo trigo, eu e minha mãe, cortando com foice, ela e eu. E olhei para ela e: "Mãe, como é que eu posso deixar você descansar?" Ela disse: "Filho, tu não vais ficar aqui na Palestina". Como? Ela falou: "Tu não vais ficar aqui, nesta terra não cabe vocês." Essa resposta dela sempre na minha cabeça...

DEP - SALEH BUJAA

Saffa fica aqui, daqui até o mar 34 quilômetros. Aqui Jafa... Jafa e Tel Aviv, uma do lado da outra aqui. Então, minha posição aqui vai até aqui, 34, 35 quilômetros. De Jerusalém, não de Ramallah a Saffa, Jerusalém aqui, fica nessa área aqui. Os judeus saíram de Tel Aviv, foram andando, sem resistência na frente deles. Chegaram à fronteira da aldeia Saffa. Eles fizeram escaramuças com metralhadoras noutra aldeia pertinho, todos fugiram para as montanhas, vales. Nós ficamos, 70 homens, decidimos lutar. Só olha para o céu, foi só balas cruzando por cima de nós. Quem foi morto aquele dia, quem caiu, foi o nosso comandante.

Cena 16

O futuro tão perto assim

Interior - Noite

Cercado por duas filhas e um genro, Saleh está sentado diante de uma mesa que oferece as melhores comidas árabes. A família confraterniza discretamente. Saleh reflete melancolicamente sobre a velhice e seu futuro.

DEP - SALEH BUJAA

Olha, eu não tenho mais tempo, estou com 85, vou fazer em agosto, em dezembro, se Deus quiser. Não tenho mais planos na cabeça. Eu quero morrer descansado, vendo minha família unida, feliz, paz. É só isto.

Cena 17

As orações de todos os dias

Interior - Noite

O patriarca Saleh abre o livro do Corão e lê em voz alta.

Cena 18

O Alcorão em Saffa

Exterior - Dia

Sentado diante de uma mesa, sob uma árvore, um velho palestino lê o Alcorão. Compenetrado, ele recita os versos em voz baixa. Está no quintal de sua casa alheio a tudo.

LETT

Saffa

A 19km de Ramallah

Polo de emigração para o Brasil

Sequência 19

Geração palestina

Exterior - Dia

Cenas da região de Saffa, próxima da capital, Ramallah, onde está localizada a aldeia de origem do velho Saleh. Um grupo de rapazes toma o rumo da escola.

Sequência 20

Munir, um amigo da família Saleh

Exterior - Dia

O velho Munir Nuhd Jadallah caminha até o portão de sua casa em Saffa. É um velho amigo do patriarca Saleh, que vive em Canoas, no Rio Grande do Sul. Pouco depois, ele fala sobre o companheiro fraterno que vive no sul do Brasil.

DEP - MUNIR JADALLAH

Não, Saleh no coração... Nós somos uma família... Quando tu perdes, faz casamento... Tenho tristeza, uma coisa, nós íamos lá de Brasília pra Porto Alegre para dar apoio. Porque você sabe, quando você é minoria num país, torna qualquer um da sua terra, ele é parente próximo seu. No Brasil, sempre penso nos meus amigos, no meu trabalho, toda a história que aconteceu comigo lá está dentro de mim.

GC

Munir Jadallah
Amigo de Saleh Bujaa, de Canoas
Foi comerciante em Brasília.

Sequência 21

De volta à escola

Exterior - Dia

DEP - MUNIR JADALLAH

Essa aqui era área da escola de 1923, eu mesmo estudei aqui, seis anos, e depois fui para o Brasil.

Crianças

Brasil! Brasil!

DEP - MUNIR JADALLAH

Querido, esse pedaço de terra aqui nunca foi esquecido. Porque, aqui, meu raiz que está aí, meu avô que está aí, meu familiar que está aí. Se eles choram, eu choro mais. Se eles ficam alegres, eu fico alegre mais. Isso é que está.

Cena 19

Marcas da ocupação

Exterior - Dia

De volta à casa, Munir sobe com dificuldades a escada interna de seu casarão. Ele abre a porta que leva ao terraço. Um clarão invade a tela. No amplo terraço, Munir Jadallah mostra a paisagem do entorno de sua casa. No horizonte aparece uma área ocupada por colonos israelenses.

DEP - MUNIR JADALLAH

Essa é de Israel, mas é a terra que eles tomaram até aqui. Nosso é daqui para lá mais ou menos mil metros, depois que eles tomaram tudo. Aqui já é a terceira cidade de Israel.

LETT

Kiriati-Sefer
Assentamento israelense

Sequência 22

O muro da vergonha

Exterior - Dia

Passado e presente. Manifestação contra a ocupação israelense. Palestinos e estrangeiros protestam junto ao muro. Batem com pedras nos portões de metal. Dois jovens escalam o paredão. Plantam uma bandeira palestina no alto da barreira de concreto. Explodem bombas de efeito moral, os manifestantes correm pela estrada. Em um terreno mais elevado, colonos e soldados estão posicionados.

Voice off - Manifestantes em coro

- Libertem! Libertem a Palestina!
- Desde o rio até o mar...
- Libertem! Libertem os prisioneiros!

LETT

Manifestação internacional contra o assentamento israelense Kiriati-Sefer

Cena 20

Marcas da memória

Exterior - Dia

No terraço de casa, Munir Jadallah prossegue em sua narrativa...

DEP - MUNIR JADALLAH

Meu filho tinha 14 anos, foi jogar pedra ele e as meninas lá na cerca, pegaram ele, deu surra nele, ficou 30 dias preso e paguei seis mil shekels para libertar ele.

Sequência 23

Old Times

Exterior - Dia

Em frente a um templo islâmico, nos arredores de Saffa, Munir encontra um amigo, veterano da invasão israelense, que desce lentamente a escadaria da mesquita. Os dois conversam e trocam histórias.

DEP - MUNIR E ABDALLAH ALQAN

Velho: Em nome de Allah!

Munir: Bem-vindo.

Velho: Em Deus eu confio!

Munir: Deus é grande!

Velho: Bem-vindo.

Munir: Sou Abu Najeh.

Velho: Seja bem-vindo.

Munir: Como você está?

Velho: Bem, e você?

DEP - ABDALLAH ALQAN

Quando os judeus, quando os judeus vieram e mataram os três homens aqui, em Saffa, estávamos no Charchur, uma área a oeste daqui. A polícia veio de manhã e disse: "Meu Deus, vocês estão aqui!" Nós respondemos: "O que houve?" Falaram: "Vocês não ouviram o tiroteio em Saffa?" Não sabíamos de nada. Disseram: "Pensamos que os judeus mataram vocês e depois foram para Saffa matar mais pessoas". Eles mataram três homens aqui perto da minha casa em 1948. A aldeia toda sabia. O exército jordaniano estava aqui... não seguiu os judeus, nem atirou neles, nem nada.

GC

Abdallah Alqan
Morador de Safa

Cena 21

Sapucaia, Sapucaia

Exterior - Dia

Vista da rodovia que conduz à cidade de Sapucaia do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre.

LETT

Sapucaia do Sul
A 30km de Porto Alegre

Cena 22

Refugiados na rua da amargura

Exterior - Dia

Rua Liberato Salzano Vieira da Cunha, Sapucaia do Sul. Uma linha de casas mal arrumadas. Aqui o velho Faez Ahmad Abbad, duas ou três vezes por semana, move com dificuldade seu carrinho com sacos de açúcar e farinha. Diante da casa nº 290, ele encara a subida da escadaria até a porta de seu chalé. Entra.

Cena 23

Na casa da dor

Interior - Dia

O velho Faez entra e segue para a cozinha. A mulher, Salha, pergunta qualquer coisa e recebe as compras. Os dois gastam boa parte do tempo em volta do fogão, preparando e cozinhando massas de pães e biscoitos árabes para vender e ganhar a vida. Salha e Faez são refugiados palestinos, sobreviventes do campo Al Rwaished, no deserto entre o Iraque e a Jordânia. Chegaram ao

Brasil em 2007, sob a proteção da ONU. Enquanto trabalha, o velho Faez conversa com sua esposa.

DEP - FAEZ ABBAS/SALHA

FAEZ: -Bom dia.

SALHA: -Bom dia. Vou fazer um pouco de qatayef e também um pouco de knafa. Preparei e deixei tudo pronto. O que trouxe? Farinha?

FAEZ: -Sim, trouxe farinha, queijo e mais algumas coisas.

GC

Faez Ahmad Abbas

Refugiado palestino

Sobrevivente do campo de Al Ruwaished, na Jordânia

Cena 24

Pão de cada dia

Interior - Dia

Faez segue para sua minúscula padaria para preparar uma nova fornada de pães. De uniforme, liga a misturadora e coloca a farinha para fazer a massa. Depois, dá forma ao material. Coloca a massa para descansar antes de acender o forno.

Voice off - Faez Abbas

Sai do Iraque para o campo de refugiados de Ruwaished, na Jordânia. Eu sou daqueles refugiados de 1948. Sou da cidade de Haifa. Mudei para o Iraque. Fiquei no Iraque de 1948 a 2003. Não sabia nada sobre doces. Quando cheguei aqui tratei de sobreviver e não pedir esmola. Os jovens que vieram comigo pediram para eu fazer pão árabe. E isso foi o início. Comecei a fazer pão uma ou duas vezes por semana. Não faço muito doce brasileiro. Eu me concentro mais na comida árabe. Assim, fica mais fácil para vender para os árabes, já que não falo muito bem o Português.

Cena 25

Memórias amargas

Interior - Dia

Faez agora está sentado uma poltrona da sala estar. Fala sobre sua vida e

de sua difícil situação com a mulher no Brasil. Com fotos e documentos comprova sua trajetória.

DEP - FAEZ ABBAS

Durante a Guerra do Iraque, em 2003, a invasão americana provocou a queda do regime. Os palestinos sofreram muita violência, matança, roubos. Fui obrigado a sair para o campo Ruwaished, na Jordânia, onde fiquei lá quatro anos e meio.

ARTE

CAMPO DE RUWAISHED

DEP - FAEZ ABBAS

A água era racionada. Havia medicamentos, mas, às vezes os doentes necessitavam ir ao hospital, nesse caso era preciso obter permissão dos militares. Não era só permissão, os militares acompanhavam os pacientes para evitar que fugissem. Às vezes, pessoas que se submeteram a cirurgias no hospital, ao acordarem da anestesia, descobriam que estavam algemadas ao leito.

Gostei do Brasil como país, como povo. O povo brasileiro é um povo pacífico, e não tem preconceito, é hospitaleiro, nos ajuda. Vim para o Brasil com idade acima de 60 anos, pedi a naturalização, me disseram que eu deveria saber ler e escrever. Mas como uma pessoa de 60 anos vai aprender uma língua nova?

Meus filhos não estão no Brasil. Um filho mora na Indonésia, uma filha vive no Iraque. Que raízes vou cultivar aqui no Brasil?

Cena 26

Viajando com o celular

Interior - Dia

Salha usa o celular para conversar com a família na Indonésia e no Iraque. Ela circula sem parar pela casa enquanto fala com o neto. Em um canto qualquer há um prato que mostra o retrato do casal em visita ao Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. Ela abre um pequeno álbum de fotos. Mostra as imagens dos filhos e netos que ficaram na Indonésia e no Iraque. Salha se emociona e chora.

DEP - SALHA/NETO

Salha:-Alô?

Neto:-Sim?

Salha:-Oi, meu amor, como está você?

Neto:-Graças a Deus estou bem.

Salha:-Que Deus te proteja.

Neto:-Graças a Deus.

Salha:-E como está sua mãe e seus irmãos?

Neto:-Graças a Deus estão bem.

Salha:-Você faz bagunça em casa?

Neto:-Não.

Salha:-Você é queridinho. Você reza para que Deus ajude seu pai, sua mãe e seus irmãos ou não?

Neto:-Eu rezo com meu pai.

Salha:- Então, beijo para vocês, sua mãe, seu pai e seus irmãos.

GC

Salha Nassar

Esposa de Faez Abbas.

Sobrevivente do Campo de Al Ruwaished, na Jordânia

Cena 27

Recordações

Interior - Dia

Salha rememora os familiares que foi obrigada a deixar para trás. Vê e comenta com carinho e saudade as fotografias dos filhos e netos.

DEP - SALHA

Filho, meu filho, Nura, Dima, Dania. Muita saudade, muita saudade. Só chora, eu falo, eu ligo para vocês... Só chora, chora, eu meu marido. Marido, ele quer ficar no Brasil, ele não quer... escreve... não língua Brasil. Depois, eu quero nacionalidade marido, por que? Ele quer olhar filho, filha. Criança ele não olha há 14 anos, não olha filho. Eu quero ajuda. Muito, muito difícil. Agora ele tratamento. Depois, sozinha, eu sozinha, ele sozinho, não olha filho. Ele não conhece criança, só foto, só escuta telefone. Eu cansada, ele cansado, só trabalha.

Sequência 24

No zoo de Sapucaia do Sul

Exterior - Dia

Manhã ensolarada. No zoológico de Sapucaia do Sul, Faez e

Salha passeiam vestidos para a ocasião especial. Olham os camelos, os leões, os flamingos e os hipopótamos. Estão felizes e enamorados.

Letreiro

Zoo de Sapucaia do Sul

LETT

Faez e Salha estão entre os 106 refugiados palestinos que vieram para o Brasil, em 2007, sob proteção da ONU

Sequência 25

Campo de refugiados de Al Fawwar

Exterior - Dia

Do alto de uma colina, surge o campo de refugiados de Al Fawwar. Dois helicópteros circulam no céu. Todas as ruas de Al Fawwar levam ao céu. Entupidas de casas, lojinhas, as ruelas ajudam a subir as montanhas que cercam o campo, permanentemente vigiado por tropas de Israel. No alto da montanha, Ahmad Abu Awwad, representante da Autoridade Palestina no velho campo de Al Fawwar, explica os problemas que enfrenta em seu dia a dia.

LETREIRO

Campo de refugiados de Al Fawwar, em Al Khalil, subúrbio de Hebron

DEP - AHMAD AWWAD

Estamos em uma área com vista para o Campo de al Fawwar, na região de Al Khalil. É um campo de refugiados palestinos da Nakba, em 1948. Para a maioria da população o resultado foi a diáspora. Os palestinos se espalharam pelos países vizinhos como a Jordânia, o Líbano, a Síria e toda a Cisjordânia, que era região sujeita ao controle da Jordânia. A vida aqui é muito difícil, somos controlados pelo exército israelense diariamente.

GC

Ahmad Abu Awwad
Morador do campo Al Fawwar

LETT

Campo de refugiados Al Fawwar
Subúrbio de Al Khalil (Hebron)

Sequência 26

Os refugiados da terra

Exterior - Dia

Dois velhos árabes estão acomodados em uma calçada do campo de refugiados perto de Hebron. Um deles passa a contar sua história...

DEP - VELHO

A terra da Palestina não é nossa, somos como visitantes aqui, podemos ser tirados daqui pelos judeus a qualquer tempo. Migramos da nossa terra original, que os judeus tomaram há 67 anos. Temos mar? Temos terra? Temos céu? Temos avião? Temos tanque de guerra? Israel veio e nos ocupou. Fugimos sem comida, sem bebida, sem roupas para vestir, somente com as roupas do corpo. A vida aqui é uma porcaria. Meu filho vai a Israel, é proibido de entrar, às vezes é preso, às vezes ele retorna. Por aqui não há fonte de renda. Para onde iremos? Israel proíbe a circulação frequentemente. Somos impedidos de sair. Nem no trevo de acesso podemos ir. Como faremos para conseguir o sustento? Submetemo-nos a pedir esmola. Temos, praticamente, que roubar o pão!

Sequência 27

A indignação de um professor

Exterior - Dia

O professor Ahmad Al Amassi narra as principais dificuldades que encontra para ensinar os alunos no campo de Al Fawwar.

DEP - PROFESSOR AHMAD AL AMASSI

Meu nome é Ahmad Al Amassi, morador de campo Al Fawwar. Fui diretor e professor da principal escola de ensino fundamental do campo Al Fawwar. Não fui eu que vim, foi o

meu pai que veio. Ele foi expulso da cidade dele que se chama Tal-Assafi. Foi para cidade de Al Khalil e ficou dois anos morando nas montanhas. Meu pai veio para este campo de refugiados e nasci aqui. Nasci em uma barraca. Em 1960, a ONU construiu pequenos quartos, que não excediam nove metros quadrados para cada família. Este quarto é um exemplo daquelas construções.

Confiantes, os palestinos estudaram, trabalharam na Jordânia. Viajaram para a Arábia Saudita, ao Kuwait, para Aqaba. Trabalharam de carregadores, no deserto, abrindo estradas na Jordânia. E também trabalharam em Israel, nas terras ocupadas, a partir de 1948. Assim, alcançaram melhores condições para viver como o resto das pessoas.

GC

Ahmad Al Amassi
Professor

Sequência 28

Hebron, a cidade dividida

Exterior - Dia

Habitada por mais de cinco mil anos, Hebron é uma cidade cobiçada pelos israelenses... Potência comercial, está localizada entre quatro montanhas. Dividida, cercada e murada pelas tropas e colonos israelenses, a histórica e religiosa Hebron guarda zonas proibidas aos palestinos. Enquanto percorre de automóvel as ruas divididas da cidade, Hussam Abdeen, funcionário da Autoridade Palestina, narra os acontecimentos que, frequentemente, transformam a cidade em campo de guerra.

LETT

Al Khalil (Hebron)
A 30km de Jerusalém

DEP - HUSSAM ABDEEN

Estamos ao sul de Al Khalil, é uma área populosa. Dá para ver a Mesquita de Ibrahim e a cidade antiga. Lá atrás estão as casas que o exército de ocupação de Israel confiscou dos palestinos à força.

Esta é Tel-Aromedeh que fica próxima da rua dos Mártires, bloqueada pelos israelenses, impedindo os palestinos de

entrar. Estas oliveiras mortas e as terras dos árabes estão todas confiscadas pelo exército de ocupação. No topo daquela montanha estão os pontos de vigia dos israelenses. Tudo isso gira em torno da mesquita Ibrahimi, que foi dividida pelos israelenses.

Esta é a entrada da Rua dos Mártires. Aqui foram mortas 30 ou 40 pessoas no ano passado. Agora estamos no coração da cidade de Al Khalil. O centro deixou de ser seguro, depois da invasão israelense.

GC

Hussam Othman Abdeen
Membro da Autoridade Palestina em Al Khalil (Hebron)

Sequência 29

A mesquita de Ibrahimi

Exterior - Dia

O santuário de Ibrahimi em Al Khalil é uma grande mesquita construída durante o período de Herodes. Durante séculos atraiu cruzados cristãos e peregrinos. Hoje, o santuário é controlado por militares israelenses, que instalaram checkpoints, torres de vigia e câmeras no entorno do templo. As ruelas do velho mercado servem para o acesso à mesquita. Além dos militares judeus, ali convivem religiosos, comerciantes, artesãos, cozinheiros, barbeiros e consumidores. No interior do velho mercado, diante de um checkpoint israelense, Nedal Al Jaabari, funcionário da Autoridade Palestina, descreve a dramática situação.

Voice off - Nedal Al Jaabari

Foram fechadas as ruas do centro, o mercado central e a rua dos Mártires. O centro comercial de compras foi confiscado por causa de cem colonos israelenses. Todo o centro comercial foi bloqueado por uma ofensiva militar israelense.

Pior do que isso, eles não permitiram que a canalização de água fosse construída.

Este é um assentamento de colonos judeus, em área confiscada dos palestinos há alguns anos. Após anos de sofrimento, os moradores desta área concluíram que uma solução deveria ser adotada. Colocamos esta rede para proteger os cidadãos desta região dos ataques cotidianos dos israelenses. Os colonos israelenses atacam diariamente com pedras, água de esgoto e lixo

Nesta região tem início a história do apartheid israelense. Os israelenses fecham a área palestina e impedem a entrada em seus lugares religiosos. Aqui se resume a história da ocupação israelense e da causa palestina, nas alegações dos colonos israelenses em seu "direito divino", de fazer o que quiserem com o povo palestino injustiçado. O povo palestino desta região passa por este portão. As crianças palestinas são obrigadas a passar por esta área quando vão às escolas. Na sexta-feira, os palestinos são impedidos pelo exército israelense de transitar por aqui, sendo este o único acesso para a mesquita de Ibrahim.

GC

Nedal Al Jaabari
Administrador do Centro Histórico
de Al Khalil (Hebron)

Cena 28

A Plateia, o jornal muito brasileiro

Interior - Noite

Aparece a rotativa do jornal de Livramento, a Plateia, editado diariamente em dois idiomas - o Português e o Espanhol - e, às vezes, em três, o Árabe, quando a comunidade palestina tem algo a declarar com urgência. Um dos mais tradicionais do Estado, o jornal A Plateia é dirigido, desde 1999, pela família palestina Badra, Antônio e Kamal, pai e filho, ambos cristãos, à frente do empreendimento que também abrange uma TV e uma rádio na web. Antônio Badra, sócio proprietário de A Plateia, supervisiona a impressão da edição do dia ao lado máquina Goss na oficina do jornal. Ele confere a qualidade

dos exemplares dos jornais. A capa da edição apresenta manchete sobre a Palestina. Antônio Badra narra sua história.

LETT

Gráfica de A Plateia
Jornal bilíngue de Santana do
Livramento
Dirigido pela família Badra desde
1999

DEP - ANTÔNIO BADRA

Sou palestino, nascido em 3 de novembro de 1947, na cidade de Amã, na Jordânia. Com sete anos, gente, eu estudava de manhã, de tarde eu juntava os caixotes numa padaria perto de casa e o dono da padaria me dava dois pães. E eu chegava em casa todo dia com aqueles dois pães. E tinha uma outra vizinha também passando dificuldades, em determinados dias a gente passou fome, e a mãe dava um pão para a vizinha, e aquele pão ela dividia um pedaço para cada um. Foi a cena mais complicada da vida saber que tu estás passando fome e, ainda assim mesmo, dividindo o pedaço de pão com alguém que também está passando fome.

GC

Antônio Badra
Proprietário de A Plateia

Sequência 30

Na sede de A Plateia

INTERIOR DIA - Dia

Antônio Badra deixa a oficina. Entra na sede do jornal A Plateia, cuja redação é apresentada de forma a mostrar sua atividade cotidiana.

Voice off - Antônio Badra

Partimos do Líbano, durante 28 dias no navio, desembarcamos em Santos e, agora, para onde vamos? Chegando na pensão tinha um senhor de idade, puxou o pai de lado e disse, olha meu filho, eu vou lhe dar um conselho: Se quiser fazer crescer teus filhos bem, educar bem, vai para o Rio Grande do Sul.

Cena 29

Na rotativa do tempo

Interior - Noite

Badra reaparece na gráfica do jornal, onde prossegue com seu relato pessoal e familiar. A narrativa é entrecortada por imagens da cidade de Santana do Livramento, de interior de um estúdio móvel de TV.

DEP - ANTÔNIO BADRA

De trem, de segunda, banco de madeira, seis dias e cinco noites, chegando em Alegrete, descendo do trem, o pai e a mãe falavam bem inglês. E o pai: "Do you speak English? Do you speak English?" Ninguém speak English... Aí, mandou todo mundo ficar na frente da estação, e saiu. Encontrou a primeira loja com roupas penduradas, que era de um patrício, conversou com o patrício, e o patrício veio correndo junto com o pai, nos buscaram e nos colocaram numa pensão.

Tinha uma loja à venda, o pai negociou a loja, puxou as prateleiras para a frente, e nós moramos atrás das prateleiras. E aí, dos caixotes das mercadorias o papai fez as camas para nós. Então, era um cobertor em baixo, um cobertor em cima e um travesseiro. E o dono que nos vendeu a loja disse assim, bateu no meu ombro e disse: "Esse aqui poderia ajudar na loja". Mas ajudar em quê? "Vender". Mas vender o quê? "Vender roupas". E me ensinaram três palavrinhas: Roupa barata, freguesa. E aí eu saí com as duas malas, carregando, eu tenho ainda o calo da mala, que nunca mais saiu da minha mão, aqui. E saí caminhando: Roupa barata, freguesa, roupa barata, freguesa. E aí surgiu a ideia de que a fronteira, fronteira, fronteira. E o pai disse, vou lá ver o que é Livramento! Ele veio, viu, ouviu e me trouxe para cá.

LETT

Santana do Livramento
Fronteira do Brasil com o Uruguai
a 510km de Montevideú

Sequência 31

Rede de informações

Exterior/Interior - Dia

Badra agora no estúdio da rádio A Plateia, dirigindo um programa voltado à comunidade árabo-palestina

da região. Estão sentados em torno à mesa de locução, Antônio Badra, o filho Kamal Badra e Adeeb Hanini. Antônio apresenta Adeeb aos ouvintes da cidade de Santana do Livramento.

DEP - ANTÔNIO BADRA

Bom dia, senhoras e senhores, a Rádio UFCC 95.3, transmitindo de Santana do Livramento para uma grande região. E temos com muito prazer, hoje, o doutor Adeeb Hanini, presidente da comunidade árabe-palestina de Santana do Livramento. Vai conversar conosco sobre a comunidade palestina no Rio Grande do Sul

DEP - ADEEB HANINI

Em meados dos anos 50, imigrantes da comunidade árabe-palestina tomam uma viagem que faria parte da história deles. Viajam em direção ao desconhecido e acabam vindo ao Brasil. É um início muito difícil, pois não dominavam o idioma, não conheciam a cultura local. Então passam a praticar o mascate, o comércio de porta em porta, com a mala, vendendo mercadorias de porta em porta. Formam as suas famílias, encaminham seus filhos para as universidades.

GC

Adeeb Hanini,
presidente da Sociedade Palestina
de Santana do Livramento

Sequência 32

Badra rumo à Palestina

Interior - Dia

Antônio Badra entra no aeroporto de Porto Alegre. Circula pelas escadas rolantes e observa o quadro das partidas dos aviões. Passa pelo controle de passageiros e desaparece após passar pelo embarque.

LETT

Aeroporto de Porto Alegre
A 11.382km de Tel Aviv

Sequência 33

De volta ao berço

Exterior - Dia

O empresário Badra reaparece em frente à Igreja da Natividade, em Belém, próxima a Beit Sahour, onde ele nasceu. Faz algumas fotos e, a seguir, ingressa no templo, revelando toda sua devoção cristã. Na saída, encontra uma manifestação promovida por familiares de mártires palestinos, que reivindicam a devolução dos cadáveres.

LETT

Igreja da Natividade
Belém

LETT

Igreja da Natividade - Manifestação pelos mártires palestinos e devolução dos corpos

LETT

Beit Sahour
Arredores de Belém

Sequência 34

O ninho

Exterior - Dia

Badra caminha em uma rua de Beit Sahour, nos arredores de Belém, onde passou parte de sua infância. Ele recorda sua família e mostra as casas onde viviam os avós e as tias. Dirige-se a um dos antigos casarões, onde sobe uma escada, encontrando as tias que o esperavam...

DEP - ANTÔNIO BADRA

Aqui volto ao passado, às minhas origens, onde eu brincava nesta rua com os amigos, jogava bolita neste pátio. O prédio de 1865, onde meu pai morava. A casa à minha esquerda é do meu bisavô e a casa à minha direita do meu

avô. Relembrando aqueles tempos, que eram bons tempos, com a presença do pai, da mãe... E agora, vou encontrar a minha tia Karime e a minha tia Margo, que são as amadas tias que ainda vivem na cidade de Beit Sahour.

Cena 30

Gavetas de lembranças

Interior - Dia

Badra está com as tias na casa onde seus pais moraram. O relato de Badra é entremeado com cenas da velha Beit Sahour e suas ruelas. Ele abraça a tia, chora e lembra:

DEP - ANTÔNIO BADRA

Eu fui concebido nessa casa. Me traz grandes lembranças, em que pese eu ter nascido em Amã, na Jordânia, porque na época tinha mais recursos. Nesta peça aqui a mãe fazia vestidos para noivas, a mãe costurava para ajudar o pai na manutenção e a subsistência da família: 56 anos depois de ter saído aqui em 1960, quando eu me despedi das tias, do meu saudoso avô, da minha saudosa avó, e eu... Dei um abraço, e ela me deu um beijo e chorou muito, me desejando sorte. A minha avó ... foi muito forte. Lembrando daquela cena que não sai da minha cabeça... Quando ela me deu aquele abraço e meu avô também. Para um menino que saiu daqui com 12 anos, partiu para o nosso amado Brasil, trabalhou, cresceu e agora volta para rever as origens e nesta casa aqui, vejam bem.

Cena 31

Recordações das tias

Interior - Dia

As tias estão emocionadas com a visita do sobrinho. Badra aparece no espelho do aposento, imagem que reforça sua dupla identidade palestina e brasileira...O próprio Badra traduz as palavras das duas mulheres. A sequência finda com abraços de despedida entre os três.

DEPS - TIAS

MARGO -Depois de 60 anos no Brasil, não nos esqueceram, nem esqueceram da pátria, não esqueceram a Palestina, confiam na sua terra!

KARIMA -Sentimos que a felicidade invadiu nossos corações, ao sermos procuradas por nosso familiar, ele veio em busca de suas tias, nos sentimos orgulhosas com a sua visita. Sinto-me lisonjeada diante de meus parentes daqui, com a visita do meu sobrinho do Brasil.

Cena 32**Que lo cumpla feliz****Interior - Noite**

Em um restaurante de Beit Sahour, Badra reúne familiares e amigos para festejar seu aniversário, ocasião em que é carregado em triunfo pelos parentes. O evento marca sua despedida da Palestina.

Cena 33**Amanhecer em Torres****Exterior - Dia**

O sol nasce no mar. A luz descobre os rochedos da praia de Torres.

LETT

Torres, a 190km de Porto Alegre

Cena 34**Aniversário em Torres****Interior - Noite**

Salão de festa decorado para a comemoração do aniversário de 15 anos da jovem de origem palestina Aijush Zarrug. As bailarinas que animarão a festa concluem sua preparação. A atração principal da festa é o grupo de dança palestina liderado por Fairuz Bujaa, filha de Saleh. Já vestida para entrar em cena, ela diz:

DEP - FAIRUZ BUJAA

A expressão da arte e da cultura palestina é um meio de integração da nossa comunidade a uma sociedade que ainda não nos conhece profundamente. Ela sabe que existimos, mas ela não nos entende completamente. Não sabe quem somos, como vivemos e de onde viemos. Aliás, ela só sabe a nosso respeito através dos noticiários da televisão, dos massacres, dos bombardeios, mas nada, nada fala a respeito da mulher palestina. Não falam dos nossos desejos, dos nossos pensamentos. E é por isso que através da dança a gente pretende mostrar toda a nossa cultura. A cultura da mulher palestina.

GC

Fairuz Bujaa
Advogada e integrante do Grupo
Folclórico Terra
Filha de Saleh Bujaa, de Canoas

Sequência 35**No salão de festas****Interior - Noite**

As jovens apresentam a dança típica palestina. A aniversariante dança junto, cumprindo o ritual de sua apresentação ao mundo dos adultos.

LETREIRO

Aniversário de 15 anos...

Sequência 36**O líder Adeeb Hanini****Interior - Dia**

No interior da mesquita alguns adeptos rezam. O sheik finaliza a reza. Todos saem. Depois, já com a mesquita vazia, Adeeb Hanini, o jovem e ativo líder da sociedade palestina em Santana do Livramento, fala sobre o futuro dos jovens palestinos brasileiros.

LETT

Mesquita de Santana do Livramento

ORAÇÃO - SHEIK

Só existe um único Deus, sem nenhum parceiro, sem igual, sem filhos. Deus é grande! Deus é grande!

DEP - ADEEB HANINI

Passados 62 anos da vinda dos primeiros imigrantes, após a investida desses imigrantes nos seus filhos na área da educação, esses filhos se tornaram profissionais abrangendo praticamente todas as áreas, quase que todas essas áreas. Vem a pergunta, de que forma devemos então nós nos inserirmos dentro da comunidade onde a gente vive? Este é o grande desafio nosso hoje.

GC

Adeeb Hanini
Presidente da Sociedade Palestina
de Santana do Livramento

Cena 35

A capital administrativa

Exterior - Dia

Centro de Ramallah, o coração da cidade

LETT

Ramallah
Cidade Sede da Autoridade Palestina

Cena 36

Adeeb Musa Bakri e a guerra... da informação

Interior - Dia

No estúdio da rádio Ajyal (Gerações), a mais importante da Palestina, jornalistas trabalham nos diferentes setores da rádio. Em uma das salas, está o brasileiro de origem palestina Adeeb Musa Bakri, criador e proprietário da emissora. O empresário viveu no Rio Grande do Sul a partir de 1968. Com a cidadania brasileira, Bakri dirigiu,

junto com seus irmãos, uma grande empresa de comércio de roupas e de tecidos em Porto Alegre. Em 1994, Adeeb Musa Bakri retornou à Palestina, onde realizou o sonho de fundar uma rede de rádios e, depois, uma rede de restaurantes. Agora, Bakri relembra sua trajetória de imigrante e hábil comerciante...

LETT

Ajyal Radio Network

DEP - ADEEB MUSA BAKRI

Eu fiz esta rádio com muito amor... O presidente Yasser Arafat queria falar no rádio, porque aqui é o primeiro lugar, queria falar, não adianta! Agora eu posso falar para o Arafat que não pode sair no rádio? Nem eu, nem minha mãe, nem meu pai, nenhum, nenhum: É o presidente! Ele queria sair no rádio, posso falar para ele não sair? Aí, eles quebraram a rádio.

GC

Adeeb Musa Bakri
Empresário e Proprietário da
Ajyal Radio Network
Morou em Porto Alegre

LETT

Mausoléu de Yasser Arafat
Homenagem ao líder político palestino
em Ramallah

Cena 37

A rádio atacada

Interior - Dia

Adeeb Bakri recorda os momentos em que a rádio foi destruída por soldados israelenses. Aparecem as fotos que documentam o ataque.

DEP - ADEEB MUSA BAKRI

Porque é difícil para ti trazer tudo importado, compramos as coisas do Israel. Até que eu juntei... Fui, foi uma dificuldade, eu não sabia onde comprava as coisas. Quando

eu via aquilo quebrado, parece que eu me vi morto, não pelo valor, mas eu senti que parece que perdi alguém.

LETT

Soldados israelenses invadiram a sede da rádio em março de 2002. Trabalhadores foram presos e equipamentos foram destruídos

DEP - ADEEB MUSA BAKRI

Quando cheguei no Brasil, porque a minha mãe ficou aqui, eu chorava muito a minha mãe. Então eu via as novelas na Globo, era TV Record, antigamente TV Piratini. Então, eu via, eles falavam assim, naquelas novelas... Quando uma mãe perdia um filho, um filho faleceu, eu me lembrava da minha mãe, mas árabe não pode chorar, tem que ser macho, vamos dizer. Então onde eu fugia era no banheiro, no toilette. Eu chorava. Chorava minha mãe. Eu escutava esporte, esporte, música, então eu, na época, eu ouvia muito a rádio Guaíba e a rádio Gaúcha, a rádio Farroupilha, eu me lembro bem.

Cena 38

A voz do Brasil na Palestina

Interior - Dia

O gerente da Ayal e uma locutora colocam no ar um programa em Português, voltado às comunidades brasileiras na Palestina.

RÁDIO AYAL

A voz do Brasil é de preparação pelo Conselho de Cidadãos Brasileiros na Palestina.

Cena 39

Torcedor gremista

Interior - Dia

Bakri prossegue no escritório comprovando sua ligação profunda com o Brasil. Ele abre a carteira e mostra todas as suas identidades.

DEP - ADEEB MUSA BAKRI

Eu gosto de todo povo gaúcho, povo brasileiro, seja colorado, seja gremista, mas eu sou gremista. Eu sou gremista de coração! Carteira do Grêmio, aqui o CIC, aqui a

identidade, aqui o título de eleitor. Sempre está comigo. Está aqui a licença brasileira, a carteira de motorista. Tu vê: aqui é um livro!

Sequência 37

Caminhando no centro de Ramallah

Exterior - Dia

O empresário Bakri visita uma de suas lojas. Encontra com o filho, os dois conversam. Depois, o velho caminha pelas ruas do centro de Ramallah. Fala com alguém pelo celular. Aqui e ali é reconhecido pelos amigos. Em um restaurante alguém oferece um falaffel. Ele aceita. Bate papo com o padeiro. Depois entra em uma de suas lojas de roupas. Olha os modelos e some em outro escritório.

DEP - ADEEB MUSA BAKRI

Aqui só trabalhamos com moda, olha como é que o muçulmano veste, esse aqui... O muçulmano veste coisa em casa para o marido, filhos, elas vestem uma coisa curta, não tem problema, não vestem para sair. Não são todos, porque tem católicos, tem muçulmanos. Esse senhor, ele tem quatro padarias. Aqui, na guerra, eles chamam ele, eles buscam ele, quando Ramallah está fechada. Se ele não abre as padarias, não tem pão. Então, ele não tem férias. Na minha casa, faz comida árabe, eu acostumei a comer aquele à la minuta correndo; aquele bauru, correndo; cheeseburger, comia correndo, correndo! Tem que trabalhar, correndo, não é? Então, 80 por cento da minha comida é brasileira. Aqui neste lugar tem Ramallah e Al-Bire. Esse lado aqui: Ramallah. Esse lado aqui: Al-Bire. Na guerra, todos os dias vêm soldados aqui, sempre vêm aqui. Quando entravam, traziam os tanques. Em 2000, 2001, 2002 e 2003 acho que fechava cem dias por ano essa zona aqui. Então, um dia veio uma televisão e me perguntou: "O que tu achas dessa zona?" Falei: A zona é muito boa. Ele falou: Como? Estava brabo. Olha, se alguém quer dar um beijo para alguém, é aqui. Se alguém quer ganhar um filho, é aqui. Se alguém vem passear, é aqui. Se alguém quer morrer, é aqui. Tudo aqui, tudo aqui. Aqui é o coração da cidade!

Tu não tens um país, tu tens dois países. Tem aqui e tem o Brasil. Se tu um dia não gostares, tu tens que ir limpo, vai para Porto Alegre, morar em Porto Alegre.

Cena 40

Porto Alegre

Exterior - Dia

Vista aérea de Porto Alegre.

LETT

Porto Alegre
Capital do Rio Grande do Sul
A 2.100 km de Brasília

Sequência 38

Brava Voluntários da Pátria

Exterior - Dia

Centro do comércio popular em Porto Alegre, a rua Voluntários da Pátria que abriga, diariamente, uma multidão à procura de roupas de baixo preço. Os palestinos dominam a área. Algumas mulheres usam as vestes tradicionais com naturalidade. Uma delas dá atenção a uma cliente. Dois palestinos conversam atrás do balcão. Um árabe atravessa a rua. Aparece a placa que anuncia o mini shopping da família Bakri.

LETT

Rua Voluntários da Pátria, maior concentração de comerciantes palestinos da cidade

Sequência 39

Na shopping dos Bakri

Interior - Dia

A entrada estreita e singela esconde um mercado "árabe" formado por um

labirinto de pequenas lojas de roupas. Dezenas de comerciantes oferecem suas mercadorias aos clientes e curiosos.

Cena 41

Com Mohamed Bakri

Interior - Dia

Mohamed Bakri, sócio do pequeno shopping, caminha entre as lojinhas alugadas a diferentes comerciantes no prédio antigo e maltratado. No fundo do salão funciona também seu escritório, que ele divide com o irmão mais velho. Os dois são irmãos e sócios de Adeeb Musa Bakri, o brasileiro de Ramallah.

DEP - MOHAMED BAKRI

Sou Mohamed Musa Bakri, e meu irmão Fakri Musa Bakri. E nós somos irmãos do Adeeb Musa Bakri, lá na Palestina, em Ramallah. E nós somos sócios. Eles sócio com nós aqui e nós somos sócios com ele lá. E aqui no Brasil, eles chamavam-nos antigamente de turco, mas hoje não chamam mais. E quando a gente vai lá para a Palestina, eles chamam a nós de brasileiros. Somos brasileiros ou turcos, né?

Meu pai, Musa, a minha mãe Charifa. Nós devemos tudo a eles, porque eles vieram para o Brasil em 1953, e depois os irmãos começaram a vir um atrás do outro, e fizemos nossa vida aqui no Brasil. Em 1979, eles voltaram para a Palestina, e eles continuaram a vida deles lá.

Nós somos ocupados pelo Israel, não é? Cada vez que a gente entra e sai, eles têm a política de exército ali, entendeu? Fica, não fica, anda, não anda, o que passa na cabeça deles a gente não sabe. Mas a gente enfrenta o maior sacrifício para passar. Uma vez, de dois em dois anos, uma vez por ano, e é muito cansativo, é muito estressante chegar lá! A gente enfrenta porque tem que viajar daqui pra São Paulo, de São Paulo para Europa, da Europa para Jordânia. Tem que atravessar o rio Jordão, a gente fica da seis da manhã até às quatro de tarde para andar mais ou menos uns 80 km. Mas, terra natal, não é? A gente não pode desistir, tem que voltar sempre. Quando tu chegas lá, sente aquele ar, aquele vento gostoso em Ramallah!

A gente sente duas felicidades, uma quando a gente vai para a Palestina, e a outra quando tu chegas no aeroporto

Salgado Filho. Porque aqui o Brasil, ela é amada que nem a Palestina!

GC

Mohamed Musa Bakri

Comerciante, veio para o Brasil em 1960

Cena 42

O rei do churrasco

Exterior - Dia

Uma Mercedes branca entra no jardim de uma ampla casa edificada ao estilo árabe nos arredores de Santana do Livramento. Do automóvel, sai o construtor de prédios Nasser Muhamad Zeidan Salih. Entra. A residência de luxo é uma aparição estranha na paisagem do pampa gaúcho. Detalhes revelam a origem árabe do proprietário.

LETT

Santana do Livramento

A "capital" da Palestina Brasileira

A 424km de Porto Alegre

Cena 43

Churrasco à Palestina

Interior - Noite

Em um canto do jardim está localizada a sala da churrasqueira e, ao lado, o cerimonial fogo de chão. Zeidan é considerado "o melhor churrasqueiro do Rio Grande do Sul". Logo ele aparece cercado por um grupo de convidados para o encontro festivo, que passam a provar as carnes assadas pelo anfitrião. Enquanto trabalha para atender os convidados, o alegre Nasser relata sua experiência.

DEP - NASSER M. ZEIDAN SALIH

Essa história de churrasco começou há uns vinte e poucos anos. Eu comecei a assar sem pretensão de ser famoso, nada, mas é que caí no gosto dos meus amigos. E uma das grandes razões, talvez, desse sucesso meu no churrasco, foi a influência da cultura árabe, da minha descendência palestina e da influência do Uruguai, minha cidade aqui, Rivera, Livramento. Esse mix aí de culturas fez com que eu tivesse uma variedade de receitas diferente do resto, e acho que aí é que está o segredo. E aí fui desenvolvendo, usando sempre as influências da minha cultura, da minha origem palestina, mais o Uruguai e adaptadas por mim. Como dizem, a gente identifica o povo pela sua língua e pela sua gastronomia. Cada povo tem sua peculiaridade. Os árabes eram nômades, beduínos. Essa questão do cordeiro, da ovelha, é muito tradicional lá. Esse assado, recheado é uma coisa da gastronomia do Oriente. Então, adaptei ao formato gaúcho, uruguaio, então é uma mistura que deu certo.

GC

Nasser Zeidan
Empresário e chef

DEP - NASSER ZEIDAN

Meu pai veio da Palestina em 1956, pela crise política e financeira. E ele veio ao Brasil para buscar renda para ajudar a família. E a ideia sempre foi voltar, sempre foi voltar pra Palestina. Não sei que porcentagem eu tenho de brasileiro, nem de palestino. Eu acho que é meio a meio, talvez, eu amo o Brasil, amo esta cidade. Amo a Palestina também, gosto do meu povo lá. A gente divide muito este amor que tem, a gente consegue ter, pelo menos no meu caso, que vivi lá, estudei lá, tenho um amor, uma ligação muito forte pela Palestina, pela minha cidade, que é Kafr Ni'ma. A gente acaba tendo esses dois amores... *(Agradece em Árabe a presença dos amigos)*.

LETT

A família Zeidan foi impedida de entrar na Palestina pelas autoridades israelenses em 2014

Cena 44**Mensagem à mãe distante****Interior - Noite**

Nasser Zeidan dirige-se à mãe distante, que vive em Kafr

Ni'ma, na Palestina.
Emocionado, ele diz:

DEP - NASSER ZEIDAN

Seguinte, mãe, queria te dizer que a vida te aprontou, na verdade tu perdeste teu marido, como dizem, o teu porto seguro, muito jovem. Nos levaste para a Palestina para nos dar uma educação. Achaste que com isso aí tu irias conseguir dar uma educação melhor, numa cultura muito mais conservadora, que seria muito mais fácil nos criar na Palestina, com valores mais sólidos. E assim tu fizeste. Foste muito forte, como todas palestinas são, lutadoras. E, graças a Deus, se hoje eu desfruto dessa vida feliz que eu tenho com minha família, com meus amigos, em grande parte foi graças a essa nossa educação na Palestina. Nossa criação regrada em valores, respeito à família, aos filhos, aos parentes. Queria te agradecer muito. E te dizer, tu já sabes, que a distância, ela não separa. E, se Deus quiser, *insha'Allah*, nós estaremos na Palestina. Te amo.

Cena 45

Mensagem que chega

Interior - Dia

Karima Zeidan aparece sentada em frente ao computador. Ela vê a mensagem que o filho Nasser enviou. Emocionada, ela comenta em resposta às palavras do filho...

DEP - KARIMA ZEIDAN

Eu amo muito os meus filhos, agora estou triste um pouquinho... Eu trouxe eles de lá porque eles estavam novos, se eles estavam muito grande e se eles não vêm pra cá, eles não falavam árabe. Para mim ensinar eles a falar árabe, aprender a nossa religião, nós somos muçulmanos, para estudar aqui, para conhecer família, viver entre a família.

GC

Karima Zeidan
Mãe de Nasser Zeidan
Reside em Kafr Ni'ma
A 12km de Ramallah

Cena 46

Mãe é mãe

Interior - Dia

Karima Zeidan, a mãe de Nasser Zeidan, está diante da parede de sua casa em Kafr Ni' ma, Palestina. Ela mostra as fotografias dos filhos e do marido devidamente emolduradas.

DEP - KARIMA ZEIDAN

Meu filho Nasser, tinha oito anos. E esse é o pai deles, Muamar Zeidan, viveu 30 anos no Brasil. Eu vivi lá, 15 anos, fiquei em Livramento. Vivi muito bem, vivi como rainha, não é? Quando faleceu meu marido eu tinha 33 anos e ele também, tinha 43 anos, muito novo, não é?
Meus pais morreram quando eu estava no Brasil. Triste, mas já passou, graças a Deus. Estou bem, aqui na minha terra, na minha família.

Sequência 40

No terraço

Exterior - Dia

Fora da casa, no terraço, a mãe de Nasser Zeidan mostra os limites de Kafr Ni'ma. A mulher circula com a neta pelo jardim.

Voice off - Karima Zeidan

A minha mãe sempre falava, que quando aconteceu a guerra, muitas pessoas deixavam as casas e foram morar na montanha. E muitas pessoas que fugiram, foram para Jordânia, foram para o Egito, outros países, para viver, não é? Deixaram casas. Pessoas simples, não sabem o que fazer, não é como agora. Meu pai não saiu. Disse: "Se toda cidade vai embora, eu não vou sair daqui." Ele disse: Vou fazer umas casinhas pequenas em cima da casa, vou morar e se eu moro, moro na minha casa. Não vou morrer em outro lugar."

ARQUIVO

Imagens da Nakba durante a ocupação israelense

Cena 47

Minha casa, meu coração

Interior/Exterior - Dia

Karima Zeidan descreve sua relação com sua casa. A casa é sólida como se vê nas imagens. Foi construída por alguém que não pretende abandoná-la. Crianças brincam na rua. A cidade reaparece.

DEP - KARIMA ZEIDAN

Esta casa representa muita coisa, para mim, porque esta casa eu fiz. Vim de lá do Brasil, eu não tinha casa, sofri para fazer casa, mas graças a Deus, essa casa está dentro de mim. Se eu saio para qualquer lugar, eu volto correndo para casa, não é. Para ficar em casa. Casa é coração.

Cena 48

Um poeta palestino-brasileiro

Interior - Dia

No fundo de sua loja de roupas, em Santana do Livramento, o poeta Mohamad El Hanini ocupa o balcão. Duas mulheres atendem a clientela. Hanini é um homem orgulhoso de sua obra literária, a qual utiliza para divulgar seus sentimentos e ideias em versos. Ele explica a importância da literatura na preservação de sua identidade cultural.

LETT

Santana do Livramento
Fronteira do Brasil com o Uruguai

DEP - MOHAMAD HANINI

Ah! Venho aqui desde 81, meu irmão tinha essa loja. Cheguei aqui no Brasil tem a loja, tem que cuidar da loja e mesma coisa tem que escrever poesia. Tem que ficar na mesma área da cultura. O poeta encaixa com o comércio. Cada vez que tem movimento, eu escrevo melhor. Cada vez que tem mais barulho, eu produzo mais. E desde 81 até agora, estou fazendo o mesmo sistema. A minha poesia eu escrevo aqui em cima do balcão.

Sobre tudo, sobre natal, carnaval, gaúcho. Também sobre política. Também sobre Palestina, criança daqui e de lá, sobre a pobreza que o Terceiro Mundo vive.

O que tem dentro de mim? Tem sentimento, dor, tem amor, tem alegria, tem amizade. Se eu tenho uma loja, tem que ter mercadoria. Minha mercadoria é o pensamento. Tenho que mostrar que meu sentimento para ti, quero ficar perto de ti. Quando escrevo poesia, eu não escrevo para mim. O que sai da minha boca significa que ficou para os outros. Os outros é que têm que viver essa poesia, têm que sentir. Se não sente, de que adianta escrever?

A Palestina não vai largar de mim porque não vou largar ela. Eu viajei, vim para o Brasil, mas ela atrás de mim! Eu criei Kafr Ni'ma dentro de Santana do Livramento. Minha Palestina está comigo. Na hora de escrever, na hora de dormir, na hora de falar, na hora de encontrar com amigos. Acho que ela está comigo sempre. E vai ficar comigo até sempre.

GC

Mohamad El Hanini
Comerciante e poeta

Sequência 41

Kafr Ni'ma

Exterior - Dia

Imagens de Kafr Ni' ma.
Cotidiano da cidade, pessoas na rua, crianças indo ou voltando da escola. Muitas pessoas circulam em torno da mesquita. Caminham rumo à mesquita para a reza, ao som da chama da oração

LETT

Kafr Ni'ma
Terra da família Hanini

Cena 49

Irmão palestino

Exterior - Dia

Hamad Hanini é irmão do poeta Hanini, que vive em Santana do Livramento. Hamad viveu por

muito tempo no Brasil. Está em Kafr ni'ma diante da prefeitura local, que o pai dirigiu antes. Fala sobre a família, sentimentos e sobre sua trajetória pessoal.

DEP - HAMAD HANINI

Sou da família Hanini, O meu pai era prefeito daqui, 35 anos, mais ou menos. Fiquei aí, era criança, estudava naquela época. Aqui, escola de Kafr Ni'ma. Quando venho para cá, me perguntam por eles. Como é que está Adib, como é que está Mohamed? Como é que está o Gustavo? É, a gente sente saudade daquela época que vivia junto. Sabe que é pátria, não é? Pátria é como 54 anos que vivi lá na cidade de Livramento. Parte do meu corpo sente saudade. Minha família, meus netos, tudo vive lá.

GC

Hamad Abed Hanini
Comerciante, irmão de Mohamad El Hanini

Sequência 42

O velho lar dos Hanini

Exterior - Dia

A casa da família Hanini está localizada em frente à mesquita da cidade. É uma construção antiga, quase destruída pelo abandono. Encostado em um muro e depois no terraço, Ahmad Hanini fala sobre a propriedade.

DEP - AHMAD HANINI

Foi em 48, eu me lembro, quando o finado pai escutou a guerra, já estavam ocupando aquela cidade. Eu tinha idade, pequeno, criança, aí eu disse: "Pai, pai, vamos, toda a cidade está fugindo, está dormindo lá embaixo da terra, tipo uma caverna. Pedi para o finado pai. E ele: "Não, vamos morrer aqui, dentro da nossa casa. Nós temos orgulho de morrer aqui, não tem importância. Morte certa, vamos morrer aqui."

Cena 50

Na escada

Exterior - Dia

Sentado em uma escada de pedra ao lado da casa em ruínas, Ahmad Hanini conclui a fala, misturando o idioma Árabe com o Português.

DEP - AHMAD HANINI

Se morro hoje estou tranquilo, feliz porque deixei eles bem. Tanto faz aqui, como lá...
Existe ainda, como essa bandeira, em cima da minha casa. Quer dizer que essa casa antiga, mas não importa, a minha pátria, sente feliz, sente orgulho. Eu vivi aqui. Antigamente, vivia aqui, não pode negar.

Cena 51

Sonhos coloridos

Interior - Dia

O poeta Mohamad Hanini fala de saudade declama com emoção seu poema "Palestina". A leitura é entremeada por imagens da Palestina.

DEP - MOHAMAD HANINI

Com toda beleza que o Brasil tem, com toda felicidade que eu sinto aqui, entre meus amigos, poetas, escritores, mas na Palestina é outra coisa. Para sonhar tem que sonhar na Palestina. Para escrever bem tem que voltar para lá. Eu me chamo o poeta da saudade. Saudade, aonde eu vou, aparece a saudade atrás de mim. Mas, para sentir melhor, esta saudade, tudo, voltar pra Palestina.
Esta é a Palestina, minha terra bela e querida, uma floresta queimada, uma casa dividida, um mapa rasgado, uma reza na mesquita, uma missa na igreja, uma campanha tocada, uma mãe desesperada, uma história contada sem início e sem fim, uma palavra curta, uma espera na parada. Uma corrida bloqueada, uma bandeira furada, um escudo, uma espada, uma estrada determinada, o mar bravo, um santo, o diabo, um paraíso, que virou um inferno. Que pena, que pena, Palestina...

Sequência 43

Invasão do Hotel

Exterior - Interior/Noite

Reportagem da TV Palestina sobre a invasão do Crown Hotel, em Ramallah, onde estava hospedada a equipe da CenaUm. Enquanto as imagens são apresentadas, entram os letterings.

LETT

Na madrugada de 07/11/2016, o hotel que hospedava a equipe da CenaUm, em Ramallah, foi invadido por 40 militares israelenses. Portas arrombadas, bagagens e cofres revirados, os profissionais foram arrancados dos quartos sob a mira de armas, interrogados e fotografados. O hotel foi depredado com uso de motosserras, machados e marretas. A tropa jogou bombas na rua.

NARRAÇÃO - REPÓRTER ALI DAR ALI

Militares israelenses cercaram um dos hotéis de Ramallah por três horas, durante a noite, sem prisões. No local, confiscaram equipamentos de gravação de circuito interno. Roubaram dinheiro e detiveram funcionários do hotel.

DEP - FUNCIONÁRIO DO HOTEL

Pegaram nossos documentos e telefones, revistaram todo o restaurante, desligaram o circuito interno de TV. Permaneceram por três horas, perguntavam onde ficavam as câmeras, confiscaram os receptores de imagem, levaram o dinheiro do caixa.

NARRAÇÃO - REPÓRTER ALI DAR ALI

Esse tipo de ação ocorre quase que diariamente em locais públicos, comerciais e residenciais.

STAND UP - REPÓRTER ALI DAR ALI

Dezenas de jipes do exército israelenses dirigiram-se para as localidades de Ramallah e Al Bireh. O motivo de toda esta ação militar é o suposto terrorismo noturno palestino. Da cidade de Ramallah, Ali Dar Ali, da TV Palestina.

CRÉDITOS FINAIS

Em tela dividida, enquanto rolam os créditos, no canto à direita entram cenas e fala

Cena 52

Na praia de Torres

Exterior - Dia

Na praia, próxima aos rochedos das furnas de Torres, ao nascer do dia, as bailarinas dançam junto ao mar.

Cena 53

Palestinos brasileiros em Qbalan

Exterior - Dia

Em frente à loja da família, o sobrinho de Maruf Salmam e seus amigos mostram a bandeira do Brasil.

Cena 54

Welcome

Interior - Dia

Prefeito de Beytunia dá boas-vindas à equipe de filmagem e relata os problemas provocados pelos israelenses na cidade.

DEP - BRASILEIROS-PALESTINOS

Brasileiro com permanência aqui, com documento, ele não pode viajar no aeroporto de Tel Aviv. Ele tem que ir à Jordânia, tem que cruzar para outro país para poder viajar.

Cena 55

Homenagem à equipe

Palestinos X Brasileiros

Interior - Noite

Palestinos brasileiro reúnem-se para homenagear a equipe da CenaUm.

DEP - MUSTAFA DAHLA

Somos brasileiros palestinos, palestinos brasileiros. Esta relação deve se estender por muitos e muitos anos.

DEP - NASSER

Muitos aqui vão e voltam para matar esta saudade. Que por mais que estejamos à distância, eu que sou nascido no Brasil me considero palestino, por mais que eu tenha nascido lá, não posso negar que essa é a nossa família. A nossa raiz está toda aqui na Palestina.

Cena 56

No escritório do Itamaraty

Interior - Noite

Brasileiros que residem na Palestina narram as angústias vivenciadas na região.

DEP - BRASILEIRA PALESTINA

Muitas mães hoje palestinas estão começando a soltar o mesmo grito que as mães de Hiroshima soltaram: "Deixem nossas crianças viver".

FIM

